

MULHER TEM DIA CONTRA VIOLÊNCIA

Como toda discriminação, a mulher também tem um dia especial para protestar contra a violência: 25 de novembro, Dia Internacional da Não-Violência contra a Mulher, instituído em julho de 1981, em homenagem às irmãs Patria, Minerva e Maria Tereza Mirabel, assassinadas pela ditadura costarriquenha.

No dia-a-dia a violência contra mulheres continua sendo a prova mais covarde do machismo da sociedade. Os números — nunca precisos, porque a maioria

dos casos é abafada — dão uma nova noção da gravidade do problema. Segundo dados do livro *Mulheres espancadas: a violência denunciada*, de Maria Amélia Azevedo, foram registrados em boletins de ocorrência 2.316 casos de espancamento em São Paulo, só em 1981.

Também em São Paulo, em apenas nove meses, de janeiro a setembro de 1987, houve 1.751 assassinatos de mulheres. Os maiores números estão nas zonas Leste e Sul. Apenas seiscentos desses casos foram esclareci-

dos, de acordo com a publicação do jornal *Metro News*.

Mas a violência física não é o único meio de mostrar as relações desiguais. Toda discriminação é considerada violência: a educação diferenciada, menos oportunidade de emprego, discriminação salarial, não-reconhecimento da inteligência feminina etc. Sem falar das famosas “passadas de mão”, assobios e chacotas. “Nosso papel é estar denunciando permanentemente”, diz Ezir Mirian Pedrosa de Paiva, da Rede Mulher.

